entrevista

A topologia lacaniana

GILBERTO G. GOBBATO ENTREVISTA HENRYKRUTZEN

A entrevista com Henry Krutzen está situada num contexto cuja seqüência se inicia com a realização de uma conferência de Henry na EPCL – Fórum de Belo Horizonte, em 12 de agosto de 2004, "Trauma e topologia", seguida de *workshops* de topologia, "A topologia do sujeito" e "Exercícios de leitura do nó", nos dias 13 e 14 de agosto de 2004, na EPCL – Fórum de São Paulo. Os efeitos positivos desses trabalhos realizados por Henry em Belo Horizonte e São Paulo estiveram na origem do desejo de compartilhar com outros interlocutores a importância e o lugar da topologia no ensino de Lacan. Trata-se de uma topologia egressa da clínica e para a clínica psicanalítica. Esperamos que todos aqueles tocados por essa leitura descubram-se articulados na estrutura topológica. Afinal de contas o mundo é topológico!!!

1. GILBERTO G. GOBBATO: Gostaria de deixar registrada aqui a satisfação que a EPCL – Fórum São Paulo teve em receber Henry Krutzen para a realização de um *workshop* de topologia. As minhas perguntas são antes de tudo questões, em parte, decorrentes desse trabalho realizado com Henry. Constatamos, de fato, que desde o início do seu ensino Lacan privilegiou um lugar importante para a topologia. Entretanto, sabemos que a topologia lacaniana não é a topologia matemática. Você poderia dizer fundamentalmente o que as distingue e o que as aproxima?

HENRY KRUTZEN: Contrariamente àquilo que circula, Lacan desenvolveu, desde o começo do seu ensino, e mesmo antes, uma topologia. Já com o tempo lógico, podemos ver um discurso preocupado com a lógica, o tempo e o sujeito. Assim, desde 1945 e até o último seminário, cujo título não é por acaso "A topologia e o tempo", podemos seguir esse interesse de Lacan na logificação do tratamento psicanalítico.

No seminário 1, o destaque do esquema ótico, e seu desenvolvimento no circuito O – O', mostra uma primeira tentativa de formalização do tratamento, por meio da extração do

imaginário, já essencialmente fundamentado no texto sobre o estádio do espelho, de 1949. No ano seguinte, o seminário sobre *A carta roubada* funda a noção de simbólico como necessariamente ligada a uma circulação do significante. Neste outro texto fundamental, Lacan apresenta uma leitura das questões da memória e da repetição que subverte definitivamente, sem nenhuma possibilidade de volta, a psicanálise da época, norteada pelas questões do eu e da adaptação à realidade por meio da identificação do paciente ao eu do analista. Esse passo foi um passo lógico, uma construção da circularidade simbólica, nunca abandonada por Lacan, mesmo até as últimas aulas do seminário. Esse passo se refere a uma primeira fase da topologia do sujeito, a fase dos grafos.

Com os circuitos dos α-β-γ-δ, com o esquema L, construídos a partir de um comentário crítico do esquema freudiano da carta 52 a Fliess, e, enfim, com a elaboração do grafo do desejo entre 1956 e 1958, Lacan utiliza uma topologia gráfica. Esta última é baseada em construções – escritas – feitas a partir de linhas e pontos. E isso é suficiente para ter um grafo! Podemos acrescentar também setas, o que Lacan fez. Nesta época, a dimensão da escrita ficava pouco desenvolvida, pois Lacan queria sobre tudo conseguir explicitar as relações entre o simbólico e o imaginário.

Para Lacan, com a topologia, não se trata de fazer da matemática o modelo da psicanálise, porém de pensar as questões do tratamento e do lugar do analista. Os objetos topológicos têm esta particularidade de necessitar a ocupação de um certo número de lugares ou de vagas por elementos que, logo, vão se encontrar em relações lógicas, produzidas pela construção desses mesmos objetos. Isso é a estrutura. Por exemplo, os quatro discursos apresentam quatro lugares, numa certa ordem, para quatro elementos que podem os ocupar, e é isso que constitui uma estrutura. Desse ponto de vista, a estrutura se coloca na modalidade do necessário. Acho que os objetos topológicos escolhidos por Lacan apresentam essas características de lugares relacionados necessariamente entre si, tanto fora do campo matemático quanto dentro dele, por causa das apresentações dessas possibilidades – aqui, por conseqüência, no campo do contingente. Neste sentido, eles permitem escrever alguma coisa do sujeito. Isso pode ter implicações na questão da metáfora que se desdobra então entre a escrita, com efeitos de substituição produzindo um acréscimo, uma mais-valia que, ao mesmo tempo, encarna uma perda, e a fala, apoiada nela como "apensamento" (*appensée*).

Neste lugar fica a hiância, entre escrita e fala, hiância repetida num segundo andar entre topologia e psicanálise, hiância estrutural, furo do impossível que Freud já tinha reparado no ato de curar. Aqui é no *só depois* que vem o possível, nunca antes.

2. Gilberto G. Gobbato: Minha segunda questão se fundamenta em três afirmações de Lacan: No resumo de *O seminário – livro 13: o objeto da psicanálise*, Lacan diz que "a topologia (...) é a própria estrutura"; no texto *L'Étourdit* ele afirma que "a clínica psicanalítica opera a partir da estrutura, com a estrutura e sobre a estrutura"; e na lição XXI, de 08/06/1966, de *O seminário – livro 13*, Lacan se pergunta: "É necessário aprender a topologia para ser psicanalista?", e responde: "A topologia não é algo que o psicanalista deve aprender, como se a formação do psicanalista consistisse em saber de qual tubo de cor nós vamos nos pintar, (...) é que a topologia, é o tecido no qual ele entalha, que ele saiba ou não, pouco importa que ele abra ou não um livro de topologia. Do momento que ele faz psicanálise, é o tecido no qual ele entalha o sujeito da operação psicanalítica". Pergunto: Há como o sujeito ter um saber sobre esse tecido topológico, do qual não somente o sujeito é egresso, mas sobre o qual o ato analítico faz corte? Dito em outras palavras, há uma forma de transmissão desse tecido topológico de maneira a constituirmos uma formação no que Lacan chamou de sua Escola?

Henry Krutzen: É bom considerar nosso ponto de partida: a topologia é aquilo que se desencadeia assim que a regra fundamental é proferida. Essa colocação em continuidade do monólogo interior com o discurso corrente, ao se desenvolver na diacronia da fala, produz a tecelagem de uma superfície, espaço moebiano da transferência. Essa realidade – estou me referindo ao esquema R – vai localizar os elementos do jogo entre vagas que têm uma relação estrutural entre si.

Neste contexto, e seguindo a sua pergunta, já entramos na segunda fase da topologia do sujeito com a questão das superfícies. Isso não pode ser evitado. Será que o analista se dará conta dessa estrutura? Aqui é o lugar da sua responsabilidade. Pois isso vai ter conseqüências sobre o tratamento. Nessa textura, nessa tecelagem, qual é sua geometria de referência? O espaço euclidiano como serragem das dimensões? Ou o encurralamento do analista dentro da estrutura, encarnação – trata-se do corpo! – da ausência da metalinguagem?

Nesse sentido, o saber, como incluído na estrutura – veja os quatros discursos – não pode não ter uma dimensão topológica. Logo a questão não é saber se o psicanalista deve estudar ou não a topologia, mas como ele se vira com a estrutura. O conhecimento universitário das teorias topológicas tem pouca importância em relação ao ponto crucial do tratamento: como é que o sujeito se vira com o saber inconsciente. Já podemos pensar que isso vai articular várias posições colocando à tona o desejo, o gozo e o amor. O espaço permanece central, porém vinculado ao tempo como terceira dimensão, além das duas do plano. Vemos que a escrita volta nessa fase, exatamente na medida em que se pode escrever – em letras de fogo ou sangue – em cima do tecido como instante de produção da fala.

3. Gilberto G. Gobbato: Existe um enunciado no fim do ensino de Lacan, mais precisamente na lição de 21/11/1978, de *A topologia e o tempo*, que aparentemente provoca como um paradoxo ao que se disse até então sobre a articulação entre topologia, estrutura e psicanálise. Cito Lacan: "Há uma hiância entre psicanálise e topologia. Eu me esforço em suprir essa hiância. A topologia é exemplar, ela permite na prática fazer um certo número de metáforas". Primeiro: Que leitura você faz dessa hiância, de que fala Lacan, entre psicanálise e topologia? Segundo: Se a estrutura é topológica, como entender a topologia como metáfora de que fala Lacan aqui?

Henry Krutzen: A terceira fase da topologia do sujeito é nodal e retoma as duas fases anteriores para integrá-las numa nova perspectiva. Não se trata de um espaço real, mas bem do imaginário. Isso coloca o corpo como dimensão fundamental desse terceiro período. Se o corte da banda de Moebius, com seu material físico e a utilização da tesoura, já integrava o corpo no processo, a nodalidade vai colocar ainda mais ênfase neste sentido. As manipulações no espaço euclidiano dos objetos-nós apresentam uma primeira abordagem da complexidade do objeto. Porém é na colocação no plano, dos objetos, que a dimensão da escrita volta – de novo –, permitindo uma leitura deles. Essa passagem à escrita é imprescindível, não dá para trabalhar com a nodalidade sem essa volta para a escrita, logo para a superfície, logo para os grafos, na medida em que a escrita do nó é realizada a partir de pontos e linhas (a diferença aqui fica nas passagens por cima/por baixo dos cruzamentos). Como integração das três fases, a topologia nodal tem

conseqüentemente um outro papel que o simples posicionamento de um terceiro elemento numa seqüência de três. Ela retoma o percurso para colocá-lo, no só depois, como já *borromeu*.

Reencontramos aqui a metalinguagem que não há. Essa escrita do nó, Lacan, em *O seminário – livro 21*, vai especificá-la como pertencente à dimensão do real. Logo temos uma topologia imaginária permitindo uma abordagem do real e produzindo a fala como apoiada – "apensada" – nela.

Não há linguagem sem metáfora. A metáfora vem se colocar exatamente neste debate; ela é inevitável por causa da estrutura da linguagem, porém a nodalidade a subverte. "A metáfora não pode fazer (dar) o que o nó faz (dá)" (*O seminário – livro 20*) como aproximação do impossível, ou seja, do real. No fim das contas, a metáfora tem que ser pensada metaforicamente (*O seminário – livro 25*) e podemos concluir, seguindo Vappereau, que é falso dizer que a topologia é a psicanálise. E é falso dizer que a topologia não é a psicanálise. Resta estudar a natureza desse "e" de coordenação.

resumo

O encaminhamento dessa entrevista consiste na abordagem de questões gerais sobre topologia lacaniana, isto é, uma topologia do sujeito dividido do inconsciente. Mais que fundamentar a estrutura do sujeito, entretanto, a topologia lacaniana estrutura o lugar de onde um analista se autoriza como tal; portanto fundamenta o ato analítico, a clínica psicanalítica. A topologia lacaniana constitui a estrutura do dispositivo do passe como instrumento de transmissão do Real de onde sai um analista.

abstract

The guiding of this interview consists of the boarding ofgeneral questions on lacaniana topology, that is, a topology of the citizen divided of the unconscious one. However, more than to base the structure of the citizen, the lacaniana topology structure the place of where an analyst ifauthorizes as such, therefore it bases the analytical act, the psicanalítica clinic. The lacaniana topology constitutes the structure of the device of thepass while instrument of transmission of the Real where it leaves ananalyst.

palavras-chave

Topologia, estrutura, sujeito

key words

Topology, structure, subject